

# Estrutura e Função Pedagógica do Ensino de Artes Cênicas na Instituição Universitária

Clóvis Massa

Apesar do caráter comemorativo deste primeiro número, tentarei ao máximo deixar o saudosismo de lado, o que significa esquecer o que foi bom e deixar realmente perdido no passado o que vivi com professores e colegas na época em que freqüentei o departamento como aluno. Em vez disso, procurarei analisar de um modo estrutural o curso de artes cênicas a partir de 1987, ano em que tomei o primeiro contato com a universidade. Dessa maneira, volto-me para o passado com uma intenção futura que vai além da simples nostalgia.

O departamento de arte dramática ofereceu a mim a oportunidade de travar um conhecimento teórico e prático a respeito da arte teatral. Contudo, os limites burocráticos da instituição universitária produziram na minha formação características semelhantes à sua própria estrutura. Quando se pensa em uma escola de teatro, acredita-se numa suposta unidade de pensamento em relação ao fazer teatral. Porém, a diversidade individual de professores e tendências no interior do departamento é reforçada pela estrutura universitária, formada de disciplinas desintegradas umas com as outras e freqüentadas por turmas também desagregadas. E o pior é que não se pode escapar disso. Deve-se tomar essa questão com relevância: trata-se de uma escola

de teatro que também é curso universitário. A escola de teatro trata seus alunos como futuros atores e diretores, ensinando-lhes o ofício através de uma prática específica sistematizada. Já o curso universitário informa os estudantes acerca da arte teatral através de um amplo conhecimento teórico em busca de sua realização artística. Tanto a escola quanto a universidade são de extrema importância e, ao mesmo tempo insuficientes enquanto formas que se bastam, pelo menos para mim: parece-me inadequado fazer teatro sem questionar o que faço, e, por outro

Clóvis Massa preparando-se para o espetáculo "Língua de Trapo".





lado, sem propósito contentar-me apenas com a reflexão sem prová-lo na prática.

Com efeito, quando estudei neste departamento — uma híbrida escola de teatro em forma acadêmica — tentei realizar ambas as coisas: assimilar as teorias de interpretação e fazer com que elas resultassem em atuação. Algumas vezes deu certo, outras, nem tanto, visto que, além das minhas próprias dificuldades, sofri (esse é o termo exato) ao mesmo tempo a influência de alguns professores que entendiam de teatro mas não o faziam, e vice-versa. Afinal, somos todos frutos de nossos mestres, e às vezes há uma abismo entre a teoria e a prática.

Passado a limpo esse período, o que fica é a dupla face do teatro. De um lado, nas aulas de evolução do espetáculo, o prazer de saber como era a *cordax*, a dança lasciva da comédia grega no tempo de Aristófanes; de outro, como era a minha entrega nas aulas de expressão corporal e a que ponto extraordinário podia o nosso corpo ser instrumento para uma linguagem única. Numa disciplina entendi o que era teatro, noutra o fiz da minha maneira. O aluno nunca deve esquecer que, por trás de cada disciplina, há um grupo de trabalho formado para que seja concretizado o fenômeno teatral. Por isso eu não esqueço os colegas das minhas turmas quando finalmente fizemos algo de interessante.

Nessa reduzida reflexão sobre o passado, encontra-se o princípio pedagógico do departamento. Seu inevitável academicismo deve induzir o aluno a pensar o que é teatro e qual sua função na sociedade, mas, como formador, precisa ao mesmo tempo capacitar a fazê-lo. Qual tipo? Não importa. A contemporaneidade permite justamente a convivência plural de todas as tendências. Nessa estrutura fragmentada que é a instituição universitária, os professores devem aceitar suas diferenças e, cada um a seu tempo e modo próprios, influenciar os grupos de jovens. Grotowski, numa conferência de 1996, ao responder sobre qual o tipo de teatro que gostava, disse:

**“Não importa qual escolha. O único critério da arte é: será que funciona?”** Enfim, como é característico do fazer teatral, o curso deve motivar o aluno a ter vontade de provar diversas tendências teatrais. **“Prove isso...”**, diz o mestre ao ator, que deve *provar* — tanto no sentido de realizar para si, como no de mostrar ao outro — sua teoria na experiência prática. ■